

ACERCA DA QUESTÃO DA VERDADE PARA HEIDEGGER – CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE “SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE”.

Paulo Eduardo R. A. Evangelista

No nosso cotidiano, é freqüente afirmarmos, negarmos ou duvidarmos da verdade de algo. Dizemos que tal situação ocorrida é verdadeira, outra situação é falsa, é equivocada. A verdade é constantemente questão para nós no nosso cotidiano. Na nossa época, a detentora da verdade é a ciência. As diversas ciências têm como objetivo formular verdades sobre seus objetos. Cada qual afirma suas verdades, mesmo que essas verdades sejam contrárias às verdades enunciadas por outras ciências. Assim, falamos de verdades da matemática, verdades da física, verdades da psicologia. Também dizemos que cada pessoa tem a sua verdade. Mas o que é essa verdade à qual nos referimos no cotidiano?

A filosofia é o âmbito no qual as questões mais gerais e profundas são tratadas. Assim, desde o nascimento da filosofia a questão da verdade foi tematizada. Na filosofia são pensadas as articulações entre a verdade e a realidade e as relações entre elas. Desde muito cedo, a relação entre verdade e realidade estruturou-se como possibilidade do conhecimento (verdadeiro) desta. Podemos dizer que a filosofia fundou, inaugurou essa relação que para nós hoje é tão evidente. Mas, por mais que hoje a filosofia seja tida como trabalho supérfluo e inútil, seu papel é central no nosso cotidiano em função da sua discussão e fundação do real. Cabe, portanto, à filosofia, perguntar-se sobre o que é esse conceito imediatamente e medianamente conhecido como “verdade”.

A intimidade da filosofia com nosso saber mediano é muito maior do que parece. Enquanto no cotidiano vivemos de modo irrefletido nos ocupando como “naturalmente” se ocupa das coisas, a filosofia é um momento de reflexão e estranhamento da “naturalidade” dos nossos comportamentos. Esse estranhamento possibilita o surgimento de novos modos de nos relacionarmos com nosso cotidiano. Assim, a filosofia é capaz de anunciar novos modos de ser que penetrarão no cotidiano, novamente se tornando “naturais”, como se sempre tivessem sido assim. Por exemplo, o pensamento cartesiano com seu primado da lógica e das relações entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível são a referência do modo atual de lidar no mundo, embora isso se oculte pela idéia de que sempre foi e será

assim. Qualquer pessoa hoje se reconhece como um “sujeito” e afirma que lida com “objetos” e é levado a estranhar quando alguém questiona essa evidência. Entretanto, “sujeito” e “objeto” são modos de conceber e de se relacionar com a realidade que vieram à luz na obra de Descartes.

É tarefa da filosofia colocar em questão a “evidência” do real e criar condições para que o homem possa se apropriar de seu acontecer histórico. Eis a necessidade de perguntar pela essência da verdade.

Quando nascemos, já herdamos uma série de crenças e valores que reproduzimos como se “sempre tivesse sido assim”. Compartilhamos de uma compreensão da realidade e da verdade cuja origem desconhecemos e não nos questionamos. Não nos perguntamos sobre a origem do critério que temos para afirmar o que é real, o que é verdadeiro, nem sobre a possibilidade de que seja de outro modo. Cotidianamente, nós reforçamos e atualizamos esses critérios e medidas da realidade.

Quando perguntamos se algo é verdadeiro, já partimos de uma compreensão de verdade. Para nós, hoje, verdade é aquilo que pode ser comprovado pela ciência. Verdade é sinônimo de científico. Desdobrando um pouco essa afirmação, verdade é toda afirmação sobre algo que pode, seguindo o mesmo método, ser comprovada. Quanto mais vezes for replicada uma experiência e for atingido o mesmo resultado, mais verdadeira é essa proposição. Assim, atualmente é a possibilidade de controle e previsão do ente que garante sua verdade. Mas qual é a origem dessa compreensão de verdade e o que nela está implícito? É seguindo essa pergunta que seremos levados, acompanhando um caminho proposto por Heidegger em *Sobre a Essência da Verdade*, a resgatar a história da filosofia.

Os primeiros pensadores gregos pensavam o ser como manifestação. Eles se admiravam com o modo como os entes surgiam do nada, duravam na presença e depois voltavam para o nada. Isto é, eles estavam ocultos, saíam da ocultação para a presença a partir da qual eram revelados pela *doxa* (opinião) de alguém e depois podiam retornar à ocultação. *Doxa* (opinião) quer dizer “como algo me parece” e é expressa pelo *logos*, que reúne o que se mostra, o recolhimento do que se mostra e a expressão disso que se mostra. Heidegger, que recorda o *logos* grego, escreve em outro artigo: “Dizer é *lesein*. (...) O *lógos* leva o fenômeno, isto é, aquilo que se põe à disposição, a aparecer por si mesmo, a

brilhar à luz de seu mostrar-se. Dizer é deixar o real disponível num conjunto que, recolhido, acolhe.”¹

Para os pré-socráticos, ser é o aparecer de algo no seu recolher e expressar. Para nós, hoje, o *logos* é fragmentado em ser (o que se mostra), pensar (o recolhimento) e falar (expressar).

O termo utilizado pelos gregos para se referir a essa aparição é *alethéia*. *Lethe* foi pensada na história da filosofia como “esquecimento”. Heidegger, tentando se aproximar do modo de ser dos primeiros pensadores, mostra que esse termo significa ocultação. A partícula *a-* refere-se à negação, de modo que *a-lethéia* pode ser traduzido como des-ocultação ou des-velamento, retirada de uma ocultação original para a manifestação.

Os primeiros pensadores se perguntavam sobre a condição da possibilidade da manifestação de tudo o que é. Para eles, essa condição era a *physis*. Pela *physis*, os entes vinham a ser. Quando a *physis* desaparecia, os entes voltavam à ocultação. Numa conferência sobre Heráclito, Heidegger sintetiza que “*Physis* significa o vigor reinante, que brota, e o perdurar, regido e impregnado por ele. Nesse vigor, que no desabrochar se conserva, se acham incluídos tanto o ‘vir-a-ser’ como o ‘ser’, entendido este último no sentido restrito de permanência estática.”²

Esses pensadores tentaram afirmar a *physis* como sendo um elemento (*arché*), como a água (Tales), por exemplo. Anaximandro afirmava que *physis* eram os 4 elementos. Heráclito pensou o fogo, apontando o movimento desse elemento, como sendo a *physis*. Para ele, portanto, ser é o movimento de vir-a-ser e deixar-de-ser, ou ser e não-ser. Parmênides refere-se a Heráclito como “homem de duas cabeças” por, ao dizer que ser (*physis*) é também não-ser, afirmar o ser do não-ser. Para Parmênides, o que não se mostra (não-ser) não pode ser pensado. Mas, se Heráclito afirma algo sobre algo que não é, isso significa que a opinião (*doxa*) pode se equivocar. Surge, assim, a questão da verdade e da falsidade da *doxa*. Nesse momento da história do Ocidente, a questão do ser enquanto origem e fundamento de tudo o que é, é colocada em segundo plano, ocultada pela questão da verdade. Ocultada, a questão do ser cai no esquecimento.

¹ HEIDEGGER, M. “Logos (Heráclito, fragmento 50)”, p.188.

² Heidegger, M. *Introdução À Metafísica*, p.45

Na história da filosofia, aparecem então os Sofistas, que, apoiando-se na fragmentação do logos em ser, pensar e dizer, defendem que o ser (verdadeiro) é aquilo que se diz e pensa sobre ele. Assim, a oratória torna-se ferramenta poderosa, pois consegue dominar o outro pela persuasão. Sócrates aparece nessa mesma época com o intuito de fazer ver a manipulação a que estão submetidos os jovens. Através do diálogo, leva seus interlocutores a experimentarem que as verdades às quais estavam apegados (e que defendiam) não se ancoravam na *doxa*, convicção no modo de aparecer algo para mim.

Platão se posiciona nessa questão afirmando a unicidade da verdade. Sua epistemologia, articulada com a doutrina da reencarnação, podem ser sintetizadas (de modo simplista) assim: a alma, antes de habitar o corpo, vivia no Hades, onde convivía com as essências puras, unas, eternas e imutáveis. Para habitar o corpo e viver no mundo sensível (o nosso mundo cotidiano), teve de se esquecer (*léthe*) das essências. No mundo sensível, temos acesso aos elementos sensíveis que são múltiplos, mutáveis e corruptíveis; as coisas mudam, ora são de um jeito, ora de outro, assim como nossas opiniões. Já as essências são unas, eternas e incorruptíveis. O conhecimento da verdade – uma, eterna e imutável – deve ser um trabalho de reminiscência das essências pela alma.

Já para Aristóteles, as essências são juízos e conceitos construídos pelo intelecto humano (*inter-lectere*: ler dentro), que capta imagens (evolução das sensações) e as transforma em idéias. É na idéia, no conceito, que está a verdade. Mas, na passagem da imagem para a idéia pode haver erro. O que está em jogo aqui já não é mais o ente, mas sim a idéia do ente, o conceito. Quanto mais universal for o conceito, isto é, quanto mais entes particulares são abarcados pela definição (conceito), mais verdadeiro ele é. Aqui chegamos à definição de verdade que imperará na história do pensamento ocidental, chamado por Heidegger de Metafísica: a verdade é a concordância entre a idéia e a coisa.

Descartes, apercebendo-se de que há em seu intelecto muitas idéias incertas e equivocadas, coloca como tarefa da filosofia a busca de segurança para o conhecimento. A verdade precisa de bases sólidas; assim como na matemática há certo e errado, que podem ser claramente demonstrados, também a filosofia precisa de critérios para a verdade que enuncia. Assim, a questão da verdade é posta como questão de como chegar ao conhecimento certo e seguro. Os instrumentos permitem acessar a dimensão calculável, mensurável dos objetos (entes), de modo que Descartes funda como real tudo o que pode

apresentar esse caráter (mensurabilidade). É assim que encontra segurança para a verdade das idéias.

Hoje, quando perguntamos pela verdade de algo, estamos imersos nas compreensões herdadas dessa tradição, que situa a verdade no conceito e institui a mensurabilidade como seu parâmetro. Mas, a questão do ser, pensada pelos pré-socráticos como *physis*, foi esquecida no momento em que se passou a pensar a verdade, primeiro como adequação (Aristóteles), depois como revelação (filosofia medieval) e ainda como certificação (Descartes). A obra de Heidegger busca resgatar a questão do ser, esquecida e ocultada pela questão da possibilidade do conhecimento verdadeiro. Para isso, ele deve dialogar com os primeiros pensadores.

Perguntando pelo fundamento – entendido como condição de possibilidade – da concordância quando apresentamos um objeto e enunciamos algo sobre ele, encontra esse fundamento no próprio comportamento do homem. Na conferência “Sobre a Essência da Verdade”, proferida pela primeira vez em 1930, Heidegger recorre ao exemplo da apresentação de uma moeda. Diante de uma moeda, afirmamos: “a moeda é redonda”. A verdade (enquanto concordância) existirá se a moeda apresentada for redonda. Entretanto mais fundante é a relação entre o homem e a moeda, neste caso articulada como pergunta sobre a redondeza da moeda. Do ponto de vista do fundamento, só se pode afirmar que a moeda é redonda porque a moeda está manifesta, porque a redondeza está manifesta (enquanto possibilidade) e porque o homem existe nessa situação.

Relembremos a manifestação do ente para os pré-socráticos. Os entes saíam da ocultação, apareciam na presença, onde eram recolhidos e expressos (*logos*) e podiam voltar à ocultação. Podemos recorrer a uma imagem utilizada por Heidegger para apresentar a *dês-ocultação*: a clareira. Numa floresta, há alguns lugares onde há menos árvores, permitindo que a luz chegue com maior facilidade. Nas regiões cobertas por árvores, a luz não chega e o que está nessa região fica oculto. Na região clara (clareira), as coisas estão manifestas. A partir dessa imagem, podemos pensar os entes como aquilo que aparece na clareira. P se pensar o ser, entretanto, temos que incluir também a ocultação originária.

No exemplo da “moeda é redonda”, de onde o *dasein* (ser humano) retira a concordância na enunciação apresentativa? Da própria clareira. No nosso existir, vivemos

na região de manifestação (clareira), de onde retiramos a medida do que é real e verdadeiro. É a moeda, enquanto se mostra nessa relação, que se apresentará como redonda. Por outro lado, enquanto a moeda é apresentada – retirada da ocultação e manifestada sob o ser-redonda nessa enunciação – outros modos possíveis de aparecer permanecem ocultos.

Outro exemplo pode elucidar esse movimento: quando fazemos um passeio ecológico, a abertura na qual os entes particulares podem se mostrar, vir à luz, permite-lhes se manifestarem apenas como “natureza a ser observada”. É assim, que irrefletidamente, comportamo-nos nesse contexto. Há um modo de “se dirigir a...” que encontra um modo de aparecer do ente. Os entes se manifestam em sua significatividade sempre para um *dasein* que os recolhe numa abertura que é atualizada tanto pelo ente que se mostra quanto pelo homem que participa da manifestação. Isto é, o *dasein* está sempre já imerso numa rede significativa que põe de antemão o que e como pode vir à luz. No passeio ecológico, a rede significativa (abertura) já pró-põe (instaura, prepara) que os entes particulares se mostrem no caráter de natureza observável. O *dasein*, já imerso nessa abertura, des-oculta os entes dessa maneira. Ao mesmo tempo, a abertura impede outros modos possíveis de manifestação do ente. Assim, simultaneamente à des-ocultação do ente na abertura, realizamos sempre uma ocultação. O des-velamento da árvore-natureza-observável oculta a árvore-matéria-prima.

Na ciência moderna, o ente é pró-posto como aquilo que pode ser calculado e controlado. É com essa face apenas que permitimos que o ente venha à luz. O que é des-ocultado de outras maneiras é tido como falso, irreal, ou simplesmente desconsiderado.

Dissemos que o *dasein* já está lançado imerso no ente em sua totalidade. Esse caráter de já estar lançado Heidegger chama de *ek-sistência*, palavra que exprime a etimologia do termo *existência* e que significa estar-lançado fora no aí do mundo em sua significatividade. Ek-sistindo, o *dasein* deixa-ser o ente, pois o é seu “lugar” de recolhimento e manifestação. Ser o lugar de manifestação, deixar-ser o ente, é o sentido que Heidegger dá para o termo “liberdade”.

Quando Heidegger afirma em “Sobre a Essência da Verdade” que a “abertura que mantém o comportamento, aquilo que torna intrinsecamente possível a conformidade, se

funda na liberdade”³ (deixar-ser) e conclui que “a essência da verdade é a liberdade”⁴, está se referindo, num primeiro momento, à abertura mantida no comportamento na qual os entes podem vim a ser tal como são. A liberdade é deixa-ser os entes como são, no sentido grego da des-ocultação, *aletheia*). Deixar-ser significa aqui o entregar-se à abertura (clareira) na qual os entes podem vir a ser o que são e como são, assim como deles receber a medida.

Como deixamos-ser o ente? Estamos sempre já lançados no ente em sua significatividade; Heidegger diz, estamos sempre ex-postos (posto-fora) ao caráter des-ocultado do ente. Deixamos que o ente se mostre em sua significatividade, dada pela abertura re-atualizada pelo comportamento humano na qual vem a ser tal como é. Mas assim como podemos deixar-ser o ente tal como é, podemos também o oposto: não deixar-ser tal como é. É isso que fazemos quando tomamos como parâmetro de realidade a mensurabilidade, isto é, quando nos apegamos a apenas um modo de des-velamento. É isso o que acontece quando a ciência é tomada como única medida de realidade do que se mostra; só é considerado verdadeiro o que pode ser medido, calculado, controlado e explicado de acordo com leis gerais e causais.

Mas como já dissemos, o ente pode se des-ocultar de diversos modos, sempre, quando des-ocultado, ocultando uma infinidade de outros modos possíveis. Aceitar ou negar a manifestação do ente está fundado na liberdade (deixar-ser) humana.

O caráter des-oculto do ente é sua manifestação enquanto presença. Mas a des-ocultação, tal como pensada pelos gregos, leva em conta no fenômeno tanto sua presença quanto a ocultação que antecede e que sucede a manifestação. O termo *aletheia*, já apontamos, revela o caráter de negação da *léthe*, da ocultação. Há, portanto, um velamento originário a partir do qual o que vem a ser, vem a ser.

Na nossa ex-posição ao caráter des-velado do ente, isto é, na nossa in-sistência apenas na abertura na qual recolhemos a medida do ente manifesto, estamos realizando também uma ocultação. É assim que existimos cotidianamente. Permanecemos presos apenas ao caráter manifesto do ente, ao mesmo tempo em que velamos o velamento originário de onde tudo o que vem a ser, vem a ser. Heidegger dá o nome de Mistério a esse

³ HEIDEGGER, M. Sobre a Essência da Verdade, p.160

⁴ Idem, p.160.

velamento originário e de dis-simulação a toda ocultação. Sempre que um ente é des-ocultado, oculta outros possíveis modos de se manifestar. Quando, na nossa ek-sistência, mantemos o ente na presença, dis-simulamos o ente em sua totalidade, isto é, o ente e seu ser que, em sua totalidade, é velamento e des-velamento. Heidegger afirma: “Enquanto existe, o ser-aí instaura o primeiro e o mais amplo não-desvelamento, a não verdade original”⁵. Existindo, dis-simulamos o Mistério do qual o ente vem a ser.

Na atualidade técnico-científica, o Mistério des-oculta-se apenas como um obstáculo a ser superado pelas próximas inovações tecnológicas. Assim, o Mistério original, a partir do qual tudo o que é pode vir a ser, é dis-simulado e esquecido. Nós nos prendemos na positividade do ente, ocupando-nos no cotidiano. Cessa a pergunta pela origem de tudo o que, por sua manifestação, seu ser.

Na ocupação, através da qual o homem “se afasta do mistério e se dirige para a realidade corrente, corre de um objeto da vida cotidiana para outro, desviando-se do mistério, é o *errar*”⁶. O erro, tido na metafísica tradicional como o oposto da verdade, a não-verdade, adquire aqui outro estatuto, mais original. Errar é agarrar-se no mundo, des-ocultando o ente de um modo e ocultando-o em sua totalidade. Desvelado como “desde sempre presente”, oculta-se o vir-a-ser a partir da ocultação originária e o poder voltar para essa origem. Errar não é mais o oposto da verdade (adequação), mas é constituinte do fundamento mesmo da verdade (*alétheia*), já que todo des-velamento é também dis-simulação. O erro, enquanto dis-simulação é condição de nossa existência. O errar conceitual, erro de adequação da idéia à coisa, é apenas um modo de errar.

É possível, porém, também existir não se esquecendo do Mistério. E quando conseguimos nos aproximar desse nosso esquecimento, podemos assumir nossa condição precária, íntima do Mistério e contrária ao agarramento do homem contemporâneo na dominação do ente. Isso é filosofar.

Referências bibliográficas

⁵ Idem, p.165.

⁶ Idem, p.167.

EVANGELISTA, Paulo. “Acerca da Questão da Verdade para Heidegger – Considerações a partir de ‘Sobre a Essência da Verdade’.”

HEIDEGGER, Martin. (1930) “Sobre a Essência da Verdade” In: Conferências e Escritos Filosóficos (Coleção Os Pensadores). Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____ “Logos (Heráclito, fragmento 50)” In: *Ensaaios e Conferências*. Leão, E. et al (trad.). Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Pp. 183-204

_____ *Introdução À Metafísica*. Leão, E. (trad.) 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.